

Movimentos digitais

Desde o início da civilização, a humanidade vem lutando contra toda e qualquer tipo de censura à liberdade. Como exemplos, podemos citar a Revolução Francesa que lutou pela igualdade, fraternidade e liberdade. A guerra de independência americana que mobilizou a população em prol da independência econômica. No fim, todos querem ser livres e independentes na medida do possível. Na sociedade atual, não poderia ser diferente. Censuras digitais tentam limitar nosso direito de ir e vir na internet e os usuários se sentem injustiçados. O presente artigo visa fazer uma reflexão acerca da efetividade de movimentos dos sociais digitais discutindo sua área de alcance e limitações.

Para fins de esclarecimento, recentemente alguns projetos de proteção da propriedade intelectual na internet vieram à tona. Dentre eles, se destacaram o SOPA (Stop Online Piracy Act) e o PIPA (Protect IP Act). Ambos os movimentos são projetos americanos, o primeiro tem a intenção de proteger o mercado intelectual da pirataria alegando manutenção de renda e emprego no segmento. O segundo movimento é um projeto de lei que visa combater sites que têm algum tipo de relacionamento com a pirataria. A primeira vista, os atos parecem ser interessantes, mas não agradou a todos. Primeiramente, muitas empresas do mercado digital como o Facebook, Twitter, Google, Yahoo e LinkedIn se posicionaram como opositores aos movimentos alegando que os projetos de lei iriam diminuir a liberdade de expressão e a inovação na internet. Por outro lado, empresas do ramo do entretenimento como Walt Disney, Warner e Universal Studios apoiaram os movimentos. Nesse sentido, a discussão entre opositores e defensores se tornou pública no meio digital o que desencadeou o envolvimento de muitos internautas.

A discussão digital dos projetos de lei americanos nos alerta para um tema interessante na sociedade das redes sociais. Até que ponto podemos mudar uma situação através de ferramentas digitais? Esse questionamento surge principalmente com o “boom” da famosa rede social criada por Mark Zuckerberg, o Facebook. Não é difícil encontrarmos mobilizações digitais na rede, em Outubro de 2011 uma campanha contra a exploração sexual infantil chamou atenção por sua incapacidade de gerar resultados. A campanha consistia basicamente na divulgação de uma imagem de uma criança em meio aos brinquedos (aproveitando a época do dia das crianças) e uma mensagem que dizia algo como: “se você é contra o abuso de crianças e adolescentes clique em curtir”. Sem dúvida, um dos primeiros questionamentos que surge é acerca da efetividade de um movimento digital desses. Será que com um

simples clique de um mouse iríamos realmente contribuir para a diminuição da exploração sexual infantil? Por outro lado, temos um caso de sucesso na cidade de Belo Horizonte, MG. Na capital mineira a pressão popular originada na rede social Facebook surtiu efeito na proposta de aumento salarial dos vereadores em mais de 60%. O veto foi causado, sobretudo pela adesão ao movimento de grande parte dos usuários belo horizontinos da rede social de Mark Zuckerberg. Nesse sentido, o movimento ganhou força e fez com que o prefeito Marcio Lacerda vetasse o aumento salarial.

A partir dos casos citados acima, podemos fazer algumas considerações. Não podemos ser tão extremistas e deterministas afirmando que movimentos sociais digitais são ineficazes. No entanto, acredito que grande parte do fator determinante do sucesso de tais movimentos deve-se ao como o processo é conduzido. Se o movimento é configurado de forma que a população e as pessoas chaves do processo são envolvidas, a chance de o movimento digital surtir algum efeito é grande. No entanto, se o processo não envolve as pessoas que realmente têm poder de tomar decisões e influenciar outras pessoas, o movimento adquire apenas um caráter informativo deixando de lado seu poder de sensibilização e conscientização.